

SOBRE OS CONTACTOS ENTRE POVOS: A PROPÓSITO,  
AINDA, DO "DESCOBRIMENTO" DA AMÉRICA

*Nelson Saldanha*

"Solamente había inmovilidad y silencio en la noche. Solo el Creador, Tepeu, los Progenitores, estaban en el agua, rodeados de claridad. De esta manera existía el cielo y también el corazón del cielo, que éste es el nombre de Dios y así es como se llama. Llegó entonces la palabra".

"Este foi o modo como terminou o mexicano. Deixou abandonada sua cidade. Em Amáxac foi onde estivemos todos. Já não tínhamos escudos, já não tínhamos macanás, e nada tínhamos que comer e nada comemos. E toda a noite choveu sobre nós"<sup>1</sup>.

Durante o ano de 1992, o mundo inteiro discutiu o problema da chegada dos espanhóis à América. Discutiu sobre a validade do termo "descobrimento"; sobre o comportamento dos europeus — pois portugueses e ingleses viriam em seguida, bem como franceses e holandeses — perante os povos nativos; sobre a inserção do caso mexicano entre outros casos que, na história, representam tomadas de territórios, dominações de povos uns por outros, violência. Protestos dos críticos e revisionistas contra a visão tradicional e convencional dos fatos, tentativas de compreensão e reinterpretação, publicação de estudos sobre a figura sempre meio enigmática de Colombo<sup>2</sup>.

O tema, feixe de temas, se desdobra em derivações e em extensões para um questionamento mais amplo. Antes de mais nada a evocação das matanças, particularmente as horríveis matanças ocorridas nas cidades mexicanas, principalmente aztecas, logo da ocupação espanhola<sup>3</sup>. Matanças, dominação, diferenças comportamentais: e então o problema geral da violência na história. René Girard escreveu dois impressionantes livros sobre o assunto (*Des choses cachées depuis la fondation du monde* e *La violence et le sacré*), e outros autores têm também explorado o filão<sup>4</sup>.

Violência como correlato de dominação, como origem da denominação, como projeção de impulsos religiosos, como instrumento de motivos econômicos; portanto, tipos de violência, tipos e variáveis que são obviamente históricas. A violência como componente das *fundações*: a eliminação ou sujeição de povos uns por outros na origem das cidades ou dos agrupamentos, na mais alta antiguidade, os sacrifícios de sangue para propiciar o êxito das instaurações, o *corte* dado sobre o espaço e sobre a natureza ao implantarem-se as formas e os muros das primeiras cidades. As culturas antigas com sua história cheia de invasões, matanças, batalhas, além de fomes e de pestes. Os *heróis* das epopéias antigas — não somente as gregas — como grandes matadores, o Gilgamesh inclusive. Matadores eméritos os deuses e semideuses clássicos. Conflitos, guerras, a permanente luta dos exércitos romanos contra citas e gauleses, a expansão dos povos islâmicos com a cimitarra, o contínuo tumulto nos territórios (e nas respectivas fronteiras) dos mongóis, dos turcos, dos hunos. A história da Rússia, tanto na época de Igor como na de Ivan o Terrível, atravessada de guerras e mortandades. Guerras no mundo moderno, desde a luta mercantilista pelos espaços rentáveis. A Inglaterra se apossando da Índia, envenenando a China, dizimando a população da Tasmânia (uma ilha onde os nativos desapareceram em poucas décadas).

Entretanto, um fato evidente é o de que as culturas se intercomunicam. Comerciam, desde a mais remota antiguidade, trocam conhecimentos — inclusive os relativos à arte de matar —, trocam crenças, fazem alianças. É certo que no século vinte, sobretudo depois de Spengler e de Toynbee e outros, ficou-se sabendo que as culturas (civilizações, em outra linguagem) têm cada qual sua interioridade, seu conteúdo intransferível, e isto aliás é um item fundamental dentro destas reflexões. Por dentro, o sentido das coisas no “mundo” babilônico não era o mesmo que no mundo chinês, ou no greco-romano. Mas rete-

nhamos o fato de que se comunicam: persas e gregos fazem a guerra, os cruzados aprendem coisas com os maometanos, comerciantes ingleses vão a Moscou no século XVII. Neste comunicar-se urde-se a enorme e assimétrica trama do que chamamos "história geral", dita universal em certos livros do século passado. A *história* terá sido, justamente, pensada como um conjunto, onde às vezes se forçavam os perfis para que coubessem todos numa mesma evolução linear e europocêntrica, o oriente como pouco mais do que introdução e acompanhamento, os povos do oeste europeu como personagens principais. Na verdade o eram; isto é, eram-no nos séculos XVII, XVIII, XIX, precisamente quando se elaboraram estas imagens, que vieram até hoje.

Deste modo o que se tem como *história* são "povos", são "culturas" (outros dizem hoje "sociedades históricas"). Vico falava em *nações* com o sentido de designar os povos *maiores*. Apogeus, declínios, impérios, coligações, dependências. Sempre dependências.

Leopoldo Zéa, o notável pensador mexicano, coloca a propósito da chegada dos europeus à América uma tese muito interessante. Para ele, o surgimento de um novo continente, diante do mundo europeu, obrigou a pensar em um novo horizonte de contactos e de povos; os europeus tinham, agora, que incluir as terras americanas no mundo histórico — e daí teria nascido uma concepção autenticamente universal da história. Zéa acrescenta que cada *ecúmene*, através dos tempos, proveio de alguma grande conquista: a de Alexandre criando a helênica, a de César a romana, a dos muçulmanos a maometana. Assim a conquista da América marcaria uma *ecúmene* maior<sup>5</sup>.

\* \* \*

Retornemos entretanto ao caso dos aztecas, dos maias e dos incas, massacrados e espoliados pelos espanhóis. Spengler escreveu que basta pensar em como os homens de Cortez destruíram a cultura azteca "como um passeante que decepa uma flor com sua bengala", para saber-se que a história não tem nenhum sentido maior. A bibliografia é hoje vasta, e heterogênea, tanto no referente ao mundo cultural chamado "pré-colombiano", quanto no que tange ao esmagamento daquele mundo e à história dos povos que emergiram dele — como foi o caso do México. Otávio Paz escreveu um ensaio hoje clássico sobre seu País, *O Labirinto da Solidão*. Tzvetan Todorov produziu uma das interpretações mais inteligentes (embora em certos pontos discutível) do processo de dominação dos aztecas

pelos espanhóis: teriam sido as diferenças referentes ao uso da palavra, e aos modos de comunicar-se, a razão mais profunda do fácil triunfo dos segundos sobre os primeiros<sup>6</sup>.

De qualquer sorte retenhamos a idéia (mencionada mais acima) do irredutível fundo de significações que existe em cada orbe cultural. Imaginemos o contacto entre os pontos de vista ocidentais (europeus), em pleno desenvolvimento já nos séculos XVI e XVII no sentido da *ciência*, além de valorizadores da violência (e do ouro) e também portadores de um forte proselitismo religioso, com os pontos de vista de uma outra cultura. Imaginemos o contraste com a concepção dos maias, que entendiam o tempo em um sentido simbólico, com o tempo mecanicista e ao mesmo tempo a crescente angústia do tempo — a angústia "fáustica" — dos europeus. Alguns missionários se deram ao trabalho de colocar no papel a distribuição dos meses dos aztecas, aliás notavelmente delimitados em um ano equivalente ao ocidental. Só que os aztecas davam aos anos um sentido cíclico, e ao calendário uma significação ritualística<sup>7</sup>.

A mentalidade européia, transportada para as Américas, desde logo apareceu como busca frenética do ouro, pelo qual os sequazes de Cortez mataram milhares e milhares de ameríndios. Era impossível aos aztecas, ou aos caribenhos, entender o porque daquilo tudo. Na esteira destas matanças vieram as chamadas "*Leyes de Índias*", legislação especificamente destinada aos territórios dominados: elas traziam a preocupação com a ordenação jurídica das relações com os povos submetidos, e traziam a projeção unilateral do direito imposto<sup>8</sup>. Enquanto isso os religiosos espanhóis — sobretudo eles — discutiam gravemente os aspectos teológicos da conquista: o padre Las Casas defendendo os índios, o Padre Sepúlveda defendendo sua escravização. Discutia-se se os naturais do novo mundo eram gente e se tinham alma; mas os que optavam pela afirmativa não optavam pelo direito dos povos nativos à liberdade, e sim pela viabilidade de sua "cristianização". Se eram gente, podiam ser *convertidos*. Assim se "cristianizaram" à força os remanescentes dos aztecas e dos demais povos massacrados, negando-se-lhes ao cabo de tudo seus próprios deuses, impondo-se-lhes sem nenhum sentido uma religião que nada tinha a ver com eles.

\* \* \*

Adotando-se, com o termo culturas (com Toynbee se diria civilizações), a imagem de uma história plural, temos um elenco de imagens do mundo e do homem: na Babilônia Marduk criou

o mundo para ser dominado pelos babilônios, no Egito os deuses variavam mas sempre mantinham o faraó como seu representante, na Grécia a figura física do homem era o cânone para as regras da estética. Relativismo, diversidade, complementariedade de experiências e de significações, eis o que nos ocorre. Cada povo na antiguidade se teve como centro do mundo: assim os japoneses com a antiga religião *Shinto*, assim os gregos e romanos chamando bárbaros aos que não falassem grego (ou latim)<sup>9</sup>.

A visão de um orbe cultural por outro geralmente foi negativa no sentido dos valores. Os países europeus comerciavam com os do oriente, já no século XVII, mas considerando-os inferiores. Em alguns casos, a recíproca acontecia. Pode ocorrer, todavia, que em determinados contextos se forme a visão de um paraíso terrestre situado em outro local, como quando da descoberta das terras americanas (o Brasil inclusive), com mapas europeus aludindo ao ouro e às maravilhas do Peru e do México. A própria nudez dos índios do Brasil fez com que alguns dissessem que eles estavam ainda no estágio paradisíaco. Por sinal Sérgio Buarque estudou exaustivamente as imagens "paradisíacas" relacionadas com o Brasil — como com as Américas em geral — pelos homens dos séculos XVI e XVII. Toda uma temática gira em torno disso, incluindo o assunto *utopia*, a utopia pensada em relação às Américas<sup>10</sup>.

Mas, com respeito ao problema das imagens, que compõem o amplo mosaico da história, integrada de comunidades as mais diversas, com diversas línguas e usos e valores e estruturas, ocorre-nos mencionar a idéia de *exemplaridade*. Utilizamos o conceito em dois ensaios, em 1975 e em 1977, fora outras passagens, para aludir à permanência de imagens ou de idéias, que são repetidas ou mantidas em ocasiões sucessivas e deste modo se tornam pontos de referência, tornam-se modelos: de certo modo tornam-se clássicas. Assim ocorreu com os "clássicos" gregos e latinos, com os cânones da arte antiga, com figuras especiais como Alexandre ou Cícero. Para o "Ocidente", que herdou formas e temas do mundo greco-romano, os clássicos ficaram sendo a *Iliada* e a *Eneida*, e não o *Bagavad-Gita* ou o *Ramaiana*.

A sucessão de referências mantém através do tempo significações e valores, e isto pode ocorrer dentro de uma determinada cultura ou envolver culturas diferentes. O termo "cruzada" ficou significando, dentro das línguas européias, toda campanha empreendida em nome de um ideal e implicando esforços especiais. Uma "odisséia" pode ser uma aventura complicada, ou uma viagem acidentada.

A permanência de referências e valores corresponde ao que se chama "universalização", e muitos conceitos que aparecem como intrinsecamente universais são produto de processos históricos em que se consolidam ou se difundem determinadas imagens. Assim ocorre com a idéia de *homem* e com a de *humanidade*: é certo que em cada grande sociedade histórica se inclui uma imagem do humano e do homem, mas em sua plenitude a noção genérica de homem se construiu com a superposição histórica das referências — as da Bíblia, as dos clássicos, as dos humanistas. A idéia de *humanitas*, expressada pelos romanos sob influência dos estóicos, consolidou-se com as sucessivas incorporações por parte da historiografia<sup>11</sup>.

\* \* \*

Entretanto, os etnocentrismos prosseguem. Na verdade a formação da ciência histórica moderna foi paralela ao europocentrismo dominante na cultura dita ocidental. E este europocentrismo (ou eurocentrismo) se formou de preconceitos, herdeiros daqueles dos "clássicos" contra os *bárbaros*. Escreveu Octavio Paz que a antropologia é uma espécie de fruto do remorso dos povos europeus a respeito dos "primitivos". No mesmo sentido — mas sem o remorso — a historiografia moderna de certo modo cresceu como um saber europeu a respeito de como os povos europeus e os "outros" povos vieram convergindo para as grandes e definitivas conquistas dos tempos "contemporâneos"<sup>12</sup>.

O saber histórico europocêntrico serve de base à própria imagem dos "encontros" entre o Ocidente moderno e outras civilizações, tema aliás tratado por Toynbee em alguma das partes de seu *Study of History*<sup>13</sup>. Esta imagem continua (embora indiretamente e com instrumentação conceitual mais sofisticada) o eurocentrismo das cosmologias renascentistas, justamente aqueles em cuja vigência se incluíram nos mapas o contorno do chamado "Novo Mundo". O *Atlas* de Mercator, de 1569, foi um típico mapa-mundi centrado sobre a Europa<sup>14</sup>.

\* \* \*

Em relação com estes etnocentrismos (o dos chineses e dos caldeus sem maiores continuidades, o dos gregos e romanos — e judeus — herdado pelos medievais e retomado pelo ocidente moderno), em relação com eles temos de mencionar os *preconceitos*. Nada de muito estranho com eles: sempre decorreram do etnocentrismo e da necessidade de cada povo se concentrar

e se consolidar em sua autoconsciência. Preconceitos contra povos idólatras entre os judeus, contra pagãos no cristianismo (quanto preconceito no cristianismo), contra bárbaros entre romanos e gregos. Contra os etruscos, ao que parece, por parte dos romanos. Preconceito contra o Islam entre os cristãos, e vice-versa. Religiões "universais", proselitismos maniqueístas, depois disputas econômicas e militares em nome do verbo sagrado.

Preconceito contra o trópico, sempre: por parte dos "conquistadores" e dos navegadores aprofundados em terras africanas ou americanas. Preconceito contra o trópico em Pierre Loti (*Matelot*) e de certo modo em Lévi-Strauss. Precisamente um preconceito combatido por Gilberto Freyre ao contrapor-se à sociologia de certos autores inclusive brasileiros, de seu tempo e da geração anterior à sua. A superação do preconceito supõe um relativismo que dificilmente poderia provir dos próprios povos ditos superiores: supõe uma diferença de perspectiva.

O preconceito étnico não se limitou, em certos momentos — nem se limita mesmo — a uma visão "inferiorizante" do grupo racial contraposto. Ele não se reduz a um repúdio. Em geral ele se transforma em militância e em violência, como ocorreu com as grandes nações européias ao submeterem países asiáticos e africanos. Assim ocorreu com as matanças praticadas contra os nativos nas Américas, incluindo os aztecas e incas, dizimados pelos espanhóis, e os peles-vermelhas, implacavelmente assassinados pelos ocupantes norte-americanos<sup>15</sup>. No Brasil, também, os índios vêm sendo sistemática e planejadamente destruídos<sup>16</sup>.

E contudo a América Latina vem se integrando, ou acha-se integrada — até certo ponto — no chamado Ocidente. Esta tem sido uma questão sempre retomada, em nível filosófico, por vários grandes pensadores latino-americanos, mormente mexicanos e argentinos. Aliás o Brasil, na realidade, nunca se identificou suficientemente com a América Latina, desde a recusa de Pedro I a juntar-se aos outros líderes ibero-americanos ao tempo de Bolívar, que *sentiu* a necessidade de união dos latino-americanos diante do que se chamaria, na geração de Euclides da Cunha, o "colosso do Norte".

Na verdade os Estados Unidos, que são hoje (e sempre o foram) uma parte do chamado Ocidente, não tiveram "Idade Média": a Idade Média foi a etapa formativa do próprio Ocidente, ocorrida na Europa e como Europa, com o feudalismo implantado nos fins do Império Romano. Os Estados Unidos entraram no âmbito do Ocidente com base em sua população

dominantemente branca e em seus progressos tecnológicos (de fato eram ingleses vivendo em outro continente e redimensionados no comportamento, iguais no arrojo imperialista). Mas o fato de não terem tido Idade Média fê-los carecer sempre de algo que integra o "Ocidente" e que radica no *espírito* europeu.

Enquanto isso a América Latina, que também (e obviamente) não teve Idade Média, teve em certas regiões um passado cultural ponderável, com cuja presença residual tem o que ver o fato de ela ser e não ser Ocidente. Dialética, ambigüidade, desdobraimento. E contudo há, latente e dramática, uma vocação de universalidade dentro da América Latina: convergência de correntes históricas, variedade e unidade, Ocidente e terceiro mundo. Leopoldo Zéa acentuou em ensaio notável o contraste entre a atitude dos Estados Unidos, tomando territórios ao México e à Espanha, e a da América Latina, com sua latinidade herdada de Roma, herdada como um autêntico componente de universalidade<sup>17</sup>.

\* \* \*

E eis o mundo perto do final do século vinte, dentro aliás de um calendário imposto ao restante dos povos primeiro pelo poder de Júlio César, depois pelo poder da Igreja cristã, que o vinculou às suas próprias datas e aos seus santos<sup>18</sup>.

Eis o mundo terminando o acidentado século vinte. Durante este século desmentiram-se os pacifismos do dezenove, no qual muitos pensadores consideravam as guerras coisa do passado. Desmentiu-se ao menos em parte o evolucionismo. O cientificismo reformulou-se. As populações cresceram imensamente, a tecnologia e a massificação também. Os imperialismos prosseguiram, e durante muito tempo se falava no capitalista e no soviético — falava-se, até pouco tempo. Os universalismos tiveram de enfrentar os localismos. A padronização, proveniente dos meios de comunicação, coexiste com a desigual partilha do poder entre os povos. O poderio ianque, uma vez desmontada a URSS e desmantelada a economia dos povos que a integravam (a da Rússia sobretudo), tornou-se praticamente absoluto, e com isto o precário equilíbrio anterior foi eliminado, com desvantagens óbvias para o resto do mundo.

Se olharmos o panorama pelo prisma político-econômico-militar, a unificação das decisões aparece ostensiva, paralelamente à padronização técnica que atravessa as fronteiras. Se o olharmos pelo prisma cultural encontraremos os pluralismos que dão sentido à idéia de *convivência* interétnica. Estes pluralismos, porém, são frágeis, e em certos casos meramente simbólicos.

Com isto retornamos à idéia do humano, e voltamos, por conta da alusão ao pluralismo, ao problema das diversidades. Anotemos inclusive isto: no começo do século vinte a herança historiográfica e etnográfica dos oitocentos propiciou a teoria da cultura e das culturas, ao mesmo tempo em que o Ocidente vivia a *belle époque* e em que, em contrapartida, preparava-se a seqüência de guerras e de conflitos menores iniciados em 1914. As ditaduras do século esmagaram etnias e agrediram tradições locais, em nome do *Lebensraum* nazista ou da unificação soviétizante<sup>19</sup>.

Mas eis o mundo, fomos dizendo, diante dos umbrais de um novo século que é um novo milênio. Enquanto em outros fins de milênio se consultavam os oráculos para prever o andamento dos tempos, ou se fazia uma teologia da história como a fez Joaquim de Fiore — falando da Idade do Pai, da do Filho e da do Espírito Santo —, neste fim de milênio se fala de *fim da história*. Fala-se do encerramento da dialética histórica, fala-se na terminação das disputas ideológicas, ou se fala *tout court* no esvaziamento do “Espírito” que alimenta a história. O próprio tema nos parece mal colocado: a história não é uma encenação com começo e fim, por mais que seja possível atribuir-lhe pulsação dramática bem como “estágios” devidamente demarcados. O homem é um ser histórico, como é histórica a sua consciência, consciência de si. O humano se constrói na história como auto-imagem do homem, imagem desdobrada na noção de *humanidade* — sem embargo da “essencialidade” da consciência humana. O homem, *faber e loquens*, é um ser que produz significados, e daí produz símbolos, aos quais se prende. O homem é um ser que busca entender: um ser hermenêutico. Daí seu debruçar-se sobre o passado, sobre trajetórias e mitos, para inventar problemas e amontoar respostas.

## N O T A S

1. — *Texto do Popol Vuh, da Guatemala, em DEMETRIO SODI M., La literatura de los mayas, ed. J. Mortiz, México, 1964, pág. 93. — Texto azteca em M. LEÓN-PORTILLA, A Conquista da América Latina vista pelos índios, trad. A. Zanatta, 1984, pág. 44.*

2. — *Por exemplo KIRKPATRICK SALE, A Conquista do Paraíso. Cristóvão Colombo e seu Legado, trad. R. Jungmann, ed. Zahar, Rio de Janeiro 1992. — Uma expressiva antologia se encontra no livro La maravilla de América. Los cronistas de Indias, org. (e Introdução) por CARMEN BRAVO-VILLASANTE, Ed. Cultura Hispánica, ICI, Madrid, 1985.*

3. — *As denúncias mais impressionantes estão nas páginas do Padre B. de LAS CASAS: cf. Brevíssima relação da destruição das Índias (trad. J. Henriques, ed. Antígona, Lisboa, 1990, passim). O erudito MENÉNDEZ PIDAL encarregou-se de refutar Las Casas, em artigo infeliz, pensando talvez, ingenuamente, em resguardar por civismo o nome da Espanha: "El padre Las Casas y la Leyenda Negra", em Cuadernos Hispano-americanos, Madrid, n. 157, janeiro de 1963, pp. 5 e segs. — Para o geral cf. os artigos coligidos em En el quinto centenario de Bartolomé de las Casas, Ed. Cultura Hispánica, Madrid, 1986.*

4. — *Cf. NELSON SALDANHA, "Notas para uma teoria da violência", em O Declínio das Nações e outros ensaios, ed. Massangana, Recife, 1990.*

5. — *"El descubrimiento de América y la universalización de la historia", en L. ZÉA (compilador), El descubrimiento de América y su impacto en la historia, FCE, México, 1991, págs. 5 e segs. Cf. no mesmo volume, no artigo de H. CERUTTI GULDBERG, "Presagios de descubrimientos y tópicos de descubrir", o item correspondente à pág. 54 — Para outro prisma, ver JOSÉ ANTONIO MARAVALL, "El descubrimiento de América en la historia del pensamiento político", cap. XIV de Estu-*

dios de Historia del pensamiento español, *série 2, Ed. Cultura Hispánica, Madrid, 1984.*

6. — T. TODOROV, *La conquista de América. La cuestión del otro. Trad. esp., Ed. Siglo XXI, México, 1987, passim.* — *Para um tema subsequente, v. o valioso livro de SERGE GRUZINSKI, La colonización de lo imaginario. Sociedades indígenas y occidentalización en el México español, siglos XVI-XVIII, trad. J. Ferrero, FCE, México, 1991. Complementariamente, LESLEY B. SIMPSON, Muchos Méxicos, ed. FCE, México, 1986.*

7. — *As diversas tábuas e representações, com diversas indicações referentes aos sacrifícios, estão reproduzidas no livro do cronista Lorenzo BOTURINI BENADUCI, que conheceu o México no século XVIII (Historia General de America Setentrional, ed. a cargo de M. Balesteros Gaibrois, U.N.A.M., México, 1990).* — *Sobre as ciências à época de Colombo — sobretudo astronomia e cartografia —, ver JUAN ORTEGA Y MEDINA, "La novedad americana en el viejo mundo", em L. ZEA, El descubrimiento de America (cit.), págs. 19 e segs. Ver ainda W. G. RANGLES, Da terra plana ao globo terrestre, trad. port., ed. Gradiva, Lisboa, 1990.*

8. — *Ver VICTOR TAU ANZOATEGUI, Casuismo y Sistema. Indagación histórica sobre el espíritu del Derecho Indiano — Ed. do IIHD, Buenos Aires, 1992; idem, La ley en America Hispana. Del Descubrimiento a la Emancipación, Ed. Acad. Nac. de História, Buenos Aires, 1992. Vale também indicar os estudos contidos em Istituzioni Familiari Indigene, Ed. do Cons. Nacional de Pesquisa, s.d. (1989?).*

9. — *ARNOLD TOYNBEE menciona a "ilusão etnocêntrica" para aludir ao fenómeno: A Study of History (abrev. por D. C. Somervell), Oxford Univ. Press, 1949, vol. I pág. 37. — Aqui colocaremos uma observação pessoal. Não cremos em uma evolução linear e total, mas é inegável que ocorrem evoluções. Quanto ao problema da igualdade entre culturas — posto pelos igualitarismos contemporâneos —, ela é aceitável em termos de "dignidade" (como entre os homens em sentido genérico): o humano se acha presente, e portanto sua "essência", tanto entre os gregos do tempo de Sócrates quanto entre os abissínios ou os lapões. Mas isto não impede de considerar que a cultura grega atingiu estágios superiores; ou de entender o gótico como algo superior às cabanas primitivas.*

10. — *Desde logo SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, Visão do Paraíso. Os Motivos Edênicos no Descobrimiento e Colonização do Brasil, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1959. Para um outro País latino-americano, v. La Utopía en el Ecuador, antologia org. por A. ANDRES ROIG, Ed. Banco Central, Quito,*

1987. — V. também o estudo de A. CATURELLI, "El nuevo mundo y la Republica platónica en el pensamiento de José Peramas", em *Filosofar Cristiano* (Córdoba, Arg.), ano I n. 2, 1977.

11. — Ver MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA, *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. II — *Cultura Romana* (Ed. Gulbenkian, Lisboa, 1984), Parte II, págs. 415 e segs.

12. — Durante algum tempo os teóricos da cultura (inclusive Spengler e Schubart) discutiram sobre a condição da Rússia (e do mundo eslavo), posta entre Europa e Ásia, com uma Idade Média cheia de contactos com Bizâncio, com turcos e monóis, e depois com contactos com a Polónia e parte da Alemanha; com nacionalismos que vêm do século X, com feudalismos que foram até o XIX, com uma "alma" específica, mas enfim encrustada no mundo político-económico ocidental.

13. — A. TOYNBEE, *A Study of history*, abrev. (cit.), volume II, pp. 151 e segs. — Um livro um tanto prolixo abordando um dos aspectos do tema é o de F. S. NORTHROP, *El Encuentro de Oriente y Occidente*, trad. M. PUMAREGA, EDIAPSA, México, 1948.

14. — Cf. UGO TUCCI, "Atlas", na *Enciclopédia Einaudi*, volume I, Imp. Nacional/Casa da Moeda, Lisboa, 1984, pág. 131. — Cf também G. R. CRONE, *Historia de los mapas*, trad. esp., ed. FCE, México, 1956, cap. VIII.

15. — É impressionante a destruição dos peles-vermelhas, com a qual se eliminou da face da terra um grupo de povos que haviam chegado, não a uma civilização material "avançada", mas a um grau avançado de consciência social, com códigos de ética, com línguas definidas e com caracteres culturais bastante positivos. Alguma coisa do processo se acha narrada no livro *Enterrem meu coração na curva do rio*, de DEE BROWN, trad. G. Ferraz, Ed. Melhoramentos, 7a. ed., 1979.

16. — EDILSON MARTINS, *Nossos índios, nossos mortos*, Ed. Codecri, Rio de Janeiro, 1978, *passim*.

17. — L. ZÉA, "El descubrimiento de America", citado (loc. cit.), págs. 9 e segs., 13 e segs. ("Fué la asunción del pluralismo racial y cultural lo que puso fin a las interrogantes y disyuntivas", pág. 16, aludindo às questões sobre se a América Latina é isto ou é aquilo). — Valerá, contudo, lembrar a observação de BORGES sobre a relatividade do conceito unitário de uma "America Latina" (em LEO GILSON RIBEIRO, *O Continente Submerso. Perfis e depoimentos de grandes escritores de "nuestra" América*. São Paulo, 1988, pág. 116).

18. — Cf. JACQUES LE GOFF, "Calendário", em *Enciclopédia Einaudi*, vol. cit., págs. 260 e segs.

19. — *Há poucas semanas apareciam na TV, com alguns depoimentos, cenas da vida atual de remanescentes de regiões russas vítimas da incorporação forçada durante o Stalinismo. Viam-se roupas tradicionais e objetos antigos, isto é, regionais. Cabe colocar o problema do direito das comunidades deste tipo — como as do Curdistão e de tantos outros lugares — de, hoje, em meio à tecnologia avassaladora, posta a serviço do capitalismo e da “modernização” (ou talvez sem ter de renunciar a ela), conservar suas formas peculiares de vida, seus trajes, seus tapetes, suas danças — tão velhas quanto as de Creta —, sua língua e suas linguagens, suas crenças e sua culinária.*

